

O ENSINO DE LITERATURA E O LETRAMENTO LITERÁRIO

Zélia Firmina Gurjão Segunda; Everton Alves Menezes; Jhonatan Leal da Costa

Universidade Estadual da Paraíba, zeliagurjao@hotmail.com

Resumo: O professor de língua portuguesa, além de lidar diariamente com os desafios da sala de aula, precisa dominar conhecimentos tanto a respeito da língua, como da literatura. Em tempos onde a tecnologia toma conta da maior parte do tempo dos alunos, inclusive na sala de aula, os desafios para o ensino de literatura crescem ainda mais; dentre estes, a repulsa pela leitura, que conseqüentemente afeta a capacidade de interpretação dos alunos. Por outro lado, ao analisar o papel do docente, é comum vermos professores que insistem em uma aula de literatura voltada à historicidade, leitura de fragmentos textuais desconexos como comprovação de um período histórico específico, o que acaba por distanciar o aluno do texto literário, haja vista que tais textos, além de remeterem a outra época, possuem uma linguagem "difícil" e cansativa que não faz parte do cotidiano dos discentes. Aliás, este é um problema que se arrasta do ensino fundamental até o médio e torna a literatura em sala de aula, sinônimo de obrigação. Sendo assim, este trabalho, busca refletir sobre metodologias, sobretudo a de letramento literário, que façam com que o ensino/aprendizado de literatura seja prazeroso, dialogando com o cotidiano dos alunos e se afastando do status enfadonho que a ela foi atribuída em consequência de um ensino ultrapassado. O despertar pelo prazer pela leitura também é objeto de nossas reflexões, partindo do princípio de que quando o aluno se vê representado no texto literário há uma maior possibilidade de criação de vínculos com a leitura, o que com o passar do tempo se tornará um prazer, e não uma obrigação, o que em muitas salas de aula é constante.
Palavras-chave: literatura, ensino, letramento literário, prática docente.

Introdução

Em tempos de tecnologia, é comum dizer que a leitura se tornou um hábito cada vez mais escasso, certo? Errado. O fato é que, ao estarem *online* os alunos estão expostos a uma carga de leitura (em quantidade) tão grande quanto ao abrirem um livro literário.

Mas porque o hábito da leitura literária tem se tornado cada vez mais escasso? A tecnologia não tem culpa nenhuma. O fato é que a forma com é ensinada a literatura, sobretudo no Ensino Médio, tem gerado alunos desmotivados que enxergam essas aulas como algo completamente chato, cansativo e distante de suas realidades. O fazer docente, por sua vez também deixa a desejar, ao reproduzir técnicas de ensino tradicionalmente perpetuadas e que acompanham, inclusive professores recém-formados. Diante disso surgem três questionamentos norteadores: O estudo de literatura no Ensino Médio tornou-se um problema? Como deve ser abordada a literatura em sala de aula? Qual a real contribuição da literatura na vivência dos alunos?

Tal trabalho surgiu a partir da observação dessas e outras questões que permeiam os estudos acadêmicos e são presenciadas principalmente na passagem pelas disciplinas de estágio durante a formação do curso de letras – língua portuguesa. Entretanto, não se objetiva analisar nenhum caso

específico, porém estabelecer reflexões de maneira geral a respeito do fazer docente e sua parcela de participação no ensino da literatura.

Para isso, busca-se fundamentos teóricos nos estudiosos Cosson (2006) e Todorov (2012) de maneira não só a refletir, mas apresentar a metodologia de letramento literário, especificamente desenvolvida pelo segundo autor, como meio de guiar o fazer docente, contribuindo para um ensino/aprendizagem de literatura de maneira prazerosa para alunos e professores, com ênfase na leitura literária.

Fundamentação teórica

Não se pode apresentar qualquer metodologia de ensino, por melhor que seja, sem antes refletir a respeito do fazer docente. Quando falamos do ensino de literatura alguns professores, por diversos motivos acabam assumindo um posicionamento tradicional em sala que afasta o aluno da leitura literária, que deveria ser o foco principal das aulas de literatura, mas é negligenciada por alguns fatores elencados a seguir.

Um dos grandes problemas relacionados à prática docente e que faz os alunos questionarem quando realmente irão estudar literatura é a utilização dessa aula com o objetivo de ensino das escolas literárias e da historicidade. É claro que, ao enfatizar este ponto, não se quer desmerecer a aula de história, mas, tendo em mente que não cabe ao professor de literatura ministrar esta disciplina, e que o professor pode usar a literatura como veículo para o aluno se transportar para o mundo de descobertas fazendo conexão entre o mundo real através das reflexões que são intuídas aos alunos, seria inconsequente se valer da literatura para meramente explicar história. Entretanto, é neste contexto que Todorov (2012), não descarta a importância do ensino dos fatos históricos para que os alunos possam se situar no contexto em que a obra foi produzida dando sentido e assim tendo uma visão mais ampla, mas que enfatiza que este não seja o principal meio para o ensino de literatura.

Portanto, para se trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses *meios* de acesso pode substituir o sentido da obra, que é seu *fim* (TODOROV, 2012, p. 31).

A princípio o que se propõe é que a literatura seja vista pelos alunos como algo que faça parte do seu meio, que eles consigam se enxergar e compreender a si mesmo; cada página e episódio contado sejam um encontro e um meio de solucionar ou compreender o que vivencia. O mesmo que Todorov (2012, p.23) vem a defender: que a “literatura amplia nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo.”. Para isso se faz necessário que o

professor promova esse encontro da literatura com os alunos e propicie que este encontro vá além das paredes da escola.

Portanto a submissão da literatura à historicidade e a textos clássicos inibe não só os alunos, mas aos professores que não se sentem capazes para fazer escolhas de como abordar a literatura ou até mesmo de questionar cânones ao analisá-los. Dessa forma, perpetua em sala de aula essa “incapacidade” deixando de lado valores e pensamentos dos alunos, ou seja, os discentes se encontram aprisionados a determinada sistematização de conceitos e características que definem tal momento histórico que aquela obra se encontra, sem levar em conta o valor da obra em si, perpetuando uma ideologia preestabelecida. Diante de tudo, este é o eixo do qual Todorov aponta em sua obra diante do olhar de criticidade argumenta sobre transformações ocorridas na literatura e a forma da qual vem sendo abordada nas escolas.

O perigo mencionado por Todorov não está, portanto, na escassez de bons poetas ou ficcionistas, no esgotamento da produção ou da criação poética, mas na forma como a literatura tem sido oferecida aos jovens, desde a escola primária até a faculdade: o perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. Isto é, seu acesso à literatura é mediado pela forma “disciplinar” e institucional. (TODOROV.2012, p. 10)

Portanto, encontramos professores que se prendem no automatismo de um ensino, que quando alunos aprenderam desta mesma forma. Com isso, transmitem o conhecimento do contexto histórico, o porquê de tal escola literária ter surgido devido às transformações em um determinado tempo/espaço na história. E a apreciação do texto literário é marginalizado em detrimento deste ensino priorizado do contexto histórico.

Outra forma de abuso a literatura é a utilização do texto literário com a função de formação de leitor no ensino fundamental e, posteriormente, no ensino médio, a inserção desse leitor à cultura literária brasileira; atribuindo ao texto literário um papel alfabetizador e com decorrer do tempo de assimilação histórica, retirando do texto literário a possibilidade de apreciação da obra pelo deleite e empregando a essa leitura uma obrigação. Isso configura uma utilização equivocada do texto literário, com objetivos completamente contrários à sua essência.

Aliado a isso a ideia de textos contemporâneos de alguns professores é que qualquer gênero textual pode ser equiparado ou apresentado como literatura contemporânea. Apesar de reconhecermos os hibridismos em determinados textos literários contemporâneos é preciso que se tenha um olhar crítico a respeito do que é apresentado como literatura ao aluno, sabendo diferenciar o que são gêneros literários do que se configura como outros gêneros textuais. Nesse meio termo

nem se lê literatura clássica, uma vez que o estudo se volta à historicidade, nem muito menos literatura contemporânea, que se perde a ser comparada com os mais diversos gêneros textuais.

Outro ponto é a aula tematizada que faz uso de textos literários em associação a textos de subgêneros e até mesmo articulado a outras disciplinas, por ser similar ao contexto de cunho complementar como parte integrante para compreensão, ou seja, não passa de instrumentos com a falsa ideia de um ensino adequado, quando o foco principal, que deveria ser o texto literário e só literário é negligenciado. A literatura, portanto, é diluída na interdisciplinaridade a partir do momento que o texto literário perde sua essência ao ser associado a outros gêneros não literários.

Logo, a metodologia usada em sala de aula pode assumir duas faces dependendo do fazer docente. Um exemplo disso é o uso dos fragmentos literários como forma de inserir a literatura em sala de aula. Apesar de ser muito criticado não se pode apresentar uma visão totalmente negativa sobre a forma como estes fragmentos são abordados por muitos materiais didáticos; uma vez que não seria funcional a apresentação de uma obra completa de um livro escolar. Sendo assim, cabe ao professor aproveitar aquele fragmento que lhe é dado e ir além do que simplesmente está no livro, explorando não só o que aquele fragmento tem a oferecer, mas partindo dele para estruturar uma ou mais aulas buscando materiais extras que o complementem.

Aliado a isso, uma forma muito comum nos métodos de ensino da aula de literatura é fazer uso dos fragmentos como prioridade para comprovar a característica do período literário e quando não, o ensino de gramática. Tais caminhos de ensino são menos trabalhosos, requerem menos tempo de preparo de aula, menos discussões, menos apontamentos críticos sobre sociedade, política e mundo, entretanto, nem de longe se configuram o que se espera do ensino de literatura proposto por Todorov.

Todorov reivindica é que o texto literário volte a ocupar o centro e não a periferia do processo educacional (e, por conseguinte, da nossa formação como cidadãos), em especial nos cursos de literatura. (TODOROV, 2012, p.11)

Por fim, como último ponto de análise da prática docente, ressalta-se a tentativa do ensino de literatura pelo viés da crítica literária no ensino regular. Apesar de ser necessário que o aluno tenha conhecimento para melhor compreensão do texto literário, não deve ser esse o principal objetivo de se inserir a literatura em sala de aula, uma vez que este se configura na análise de estratégias de produção de textos literários como metrificacão, forma, estrutura, que não cabem aos alunos enquanto leitores se preocuparem com tais fatores, já que esta tarefa cabe ao professor ou estudiosos de crítica literária e ao aluno deveria ser destinada apenas a apreciação e deleite do texto literário através da leitura. É o que Todorov vem apontar:

[...] será necessário fazer dessa abordagem a principal matéria estudada na escola? Todos esses objetos de conhecimento são construções abstratas, conceitos forjados pela análise literária, a fim de abordar as obras; nenhum diz respeito ao que falam as obras em si, seu sentido, o mundo que eles evocam (TODOROV, 2012, p. 28).

Por esses fatores apresentados e tantos outros, a escolarização da literatura tem sido questionada. Entretanto, o que se deve realmente questionar não é o ensino de literatura e sim a metodologia que se tem utilizado para a que ela seja inserida na sala de aula. Cosson deixa claro seu ponto de vista a respeito da escolarização da literatura ao afirmar que:

A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem alerta Magda Soares, mas sim como fazer esta escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2006. p.23).

Demonstrando, através de suas reflexões, certa inquietação a respeito da forma como a literatura vem sendo tratada em sala de aula, Cosson apresenta a metodologia do “Letramento Literário”, que segundo o autor tem como ponto de partida a leitura literária, mas vai além, atingindo tanto o meio social do aluno/pessoa, como também promovendo reflexões neste do seu papel social e desenvolvendo sua interação em tal meio. Logo, este é o principal papel do letramento literário: a partir da leitura literária formar pessoas crítico-reflexivas e, sobretudo, socialmente atuantes.

Entretanto, para discutirmos sobre letramento literário nas escolas devemos, antes de qualquer coisa, nos conscientizar de que a leitura deve fazer parte do cotidiano dos alunos, tornando-se um hábito prazeroso. A leitura deve ser encorajada como uma viagem a mundos novos, novas aventuras, onde o leitor pode tanto participar da experiência desta aventura, quanto apenas ser um observador invisível de tal mundo. E não importa quantas vezes se leia determinado livro, a história sempre irá nos ofertar algo novo e incrível que não fora notado anteriormente.

Aliado a isso, vem o reconhecimento do leitor perante o texto lido, uma vez que ao embarcar em tal história consiga estabelecer um diálogo entre o mundo apresentado no livro e o seu mundo. O prazer obtido com tal experiência, de reconhecer-se no texto literário, contribuirá para o desenvolvimento de novas experiências, uma vez que ao partir daquilo que é de seu conhecimento e que dialoga com seu mundo, e de experimentar o sentimento de prazer obtido em tal experiência, o aluno se sentirá instigado a conhecer novos mundos e desfrutar de outras experiências.

Uma crítica que o Cosson estabelece, porém, ao ensino de literatura e a leitura literária é o caminho que se toma no processo de sua escolarização, uma vez que o primeiro passo tomado pelo professor, sob uma perspectiva tradicional é a comprovação da leitura do aluno por meio de métodos como fichas de leituras, questionários ou de exercícios, passando depois para abordagens

críticas, que muitas vezes já apresentam observações e análises fechadas sobre o texto, negligenciando as impressões do aluno e, por fim, e às vezes em casos raros, se estabelece uma relação entre o texto e sociedade. Sendo assim o autor sugere outro caminho baseado em três etapas para a sistematização da leitura literária que facilitará a efetivação do letramento literário, deixando claro que não se tratam de um manual de instruções, mas sim o fruto de pesquisas que obtiveram resultados significativamente positivos.

O primeiro passo seria que "o ensino de literatura deve ter como centro a experiência do literário"(p.47). Sob essa perspectiva é importante ressaltar que cabe ao professor fortalecer o desenvolvimento crítico dos alunos, ao passo que estes não sejam mais meramente consumidores de livros. A leitura pelo deleite é boa, mas é necessário ir além, ao se estabelecer um diálogo com essa leitura e o seu social de maneira que se desenvolva e forme um pensamento crítico a respeito do que está sendo lido. Desse modo tão importante quanto a leitura que se faz de um texto são as respostas construídas para essa leitura.

Em segundo lugar, Cosson enfatiza que não se deve reduzir a literatura a um sistema canônico, como também não se deve priorizar apenas o contemporâneo. Dentro das diversas faces que a literatura oferece é necessário encontrar a ligação do texto literário com a vivência do aluno, e por mais que isto seja bastante subjetivo, este passo está diretamente ligado à seleção e ofertas de obras mais diversificada, não se prendendo apenas a um estilo, arcabouço ou o juízo de valor trazido pelo cânone. Na dúvida entre o clássico e o contemporâneo, deve-se buscar sempre o atual, que é aquele texto que dialogue com o aluno independentemente da época em que ele foi escrito. Isso além de nos proporcionar a obtenção de resultados positivos a respeito da efetivação do letramento literário nos mostra a atemporalidade do texto literário, que conversa com as vivências dos alunos/leitores independentemente da época em que foi escrito.

Por fim, "a construção de uma comunidade de leitores" (p.47) seria o terceiro e último passo apresentado pelo autor, uma vez que a partir deste, procura-se ampliar o horizonte literário do aluno, partindo daquilo que é de conhecimento e gosto dele (seja clássico ou contemporâneo) para aquilo que o proporcionará uma nova descoberta. Sendo assim, sugere-se que se trabalhe do conhecido para o desconhecido.

A partir de tal metodologia proposta para a sistematização da leitura em sala de aula são apresentados os modelos de sequências didáticas: básica (para o ensino fundamental) e expandida (para o ensino médio); a partir das quais são dadas orientações/sugestões aos professores a respeito do tratamento para com o texto literário em sala de aula, que conseqüentemente efetivará o

letramento literário. Entretanto, não cabe detalhar cada uma dessas sequências, uma vez que são sugestões que orientam o fazer docente e que não se destina ao presente trabalho um detalhamento dessas sequências.

O que se quer refletir, sobretudo, é que é possível, através da articulação da prática docente desenvolver metodologias (e a que nos foi apresentada foi a de letramento literário) que saiam do tradicionalismo e comodismo que se tem presenciado nas aulas de literatura e na forma como o texto literário é negligenciado nas escolas.

Dessa forma, nunca é demais pensar no poder da leitura literária, uma vez que a partir dela é possível o desenvolvimento da forma como enxergamos o mundo, o nosso mundo. E, quanto mais lemos, quanto mais discutimos, quanto mais nos aprofundamos nos diversos saberes, mais críticos nos tornamos sobre o mundo em que vivemos e conseguimos, ou pelo menos tentamos, experimentar através de leitura uma relação de maior atuação social partindo de uma experiência individual para a percepção e atuação em um âmbito coletivo. Este é o grande poder do letramento literário: não apenas formar leitores, mas pessoas/cidadãos atuantes desenvolvidos a partir da leitura literária.

Considerações finais

Pensar na dimensão que a leitura literária pode assumir na vida das pessoas e a maneira como ela dialoga intimamente com a realidade de cada leitor, nos faz refletir sobre a forma como se vem escolarizando a literatura e como essa escolarização tem agido de maneira contrária, afastando os alunos do prazer pela leitura literária. O fato, como apresentado anteriormente é que não se deve por em questionamento se a literatura deve ou não entrar em sala, mas como deve entrar.

Inovar nas aulas de literatura pode parecer difícil, principalmente quando se está preso a um sistema que corrobora para uma prática pautada somente no tradicionalismo. Diante dos desafios enfrentados pelo professor de língua portuguesa, se faz necessário buscar meios para que a literatura volte a ser apreciada ou ganhe o espaço que ainda não possui.

Fazer com que os alunos não mais associem as aulas de literatura a momentos de obrigação, chatice ou de entretenimento desprezioso é possível a partir de novas práticas de ensino. Logo cabe ao professor estar atento não só ao seu fazer docente como também ao mundo dos seus alunos, para que através dessa observação seja possível a seleção de obras diversificadas que dialoguem com suas vivências e os instiguem a conhecer novos mundos para que possam ir além ao proporcionar aos alunos a necessidade de se tornarem sujeitos socialmente atuantes a partir desse contato mais íntimo com o texto literário.

Logo, configura-se como satisfatória a proposta metodológica do Letramento Literário, uma vez que esta quebra com os parâmetros tradicionalmente estabelecidos para o ensino de literatura, proporcionando uma abordagem inovadora e eficiente que potencializa o aluno enquanto ser humano e revela não apenas um caráter didático da literatura, mas principalmente o mais importante: o caráter humanizador.

Referências bibliográficas

COSSON, Rildo. **Letramento literário** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.